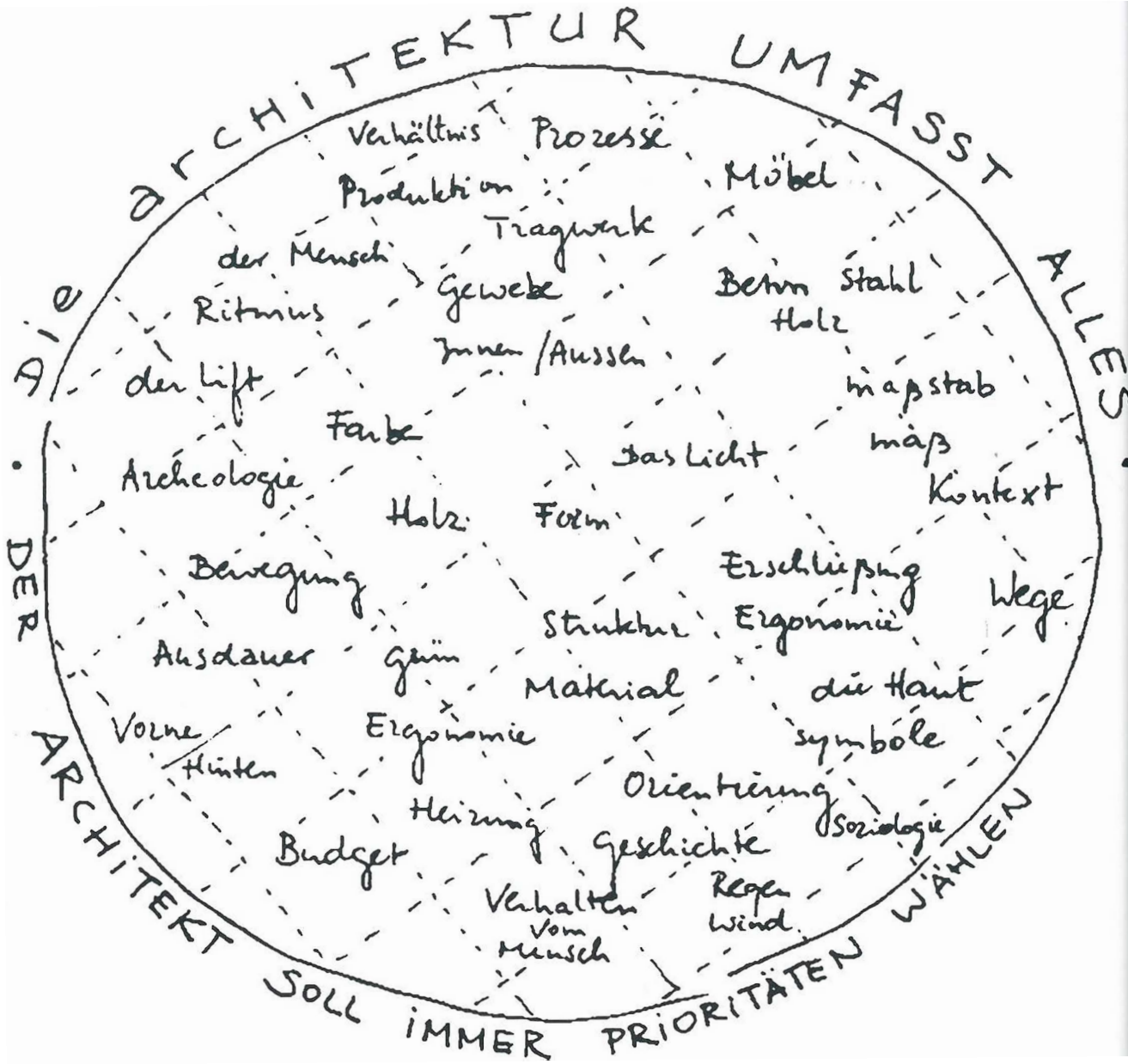


# Construindo o território

Building the territory

Jo Coenen

tradução Mauricio Masson



ALSO  
STELLUNG BEZIEHEN

K'ruhe  
1988  
*[Signature]*



Jc 15 dec 1994.  
N A I

### Minhas impressões sobre planejamento urbano hoje Contexto versus formalismo

A imagem oca e vazia que atualmente caracteriza a cidade e, portanto, infelizmente sua arquitetura urbana, reflete-se bem naquela presente nas localidades que seguem os designs de mercado, acentuando cruelmente a ruína da arquitetura urbana. O atual modelo social, ao qual faltam coerência e disposição para alcançar unanimidade em assuntos de planejamento urbano, leva à escolha de construções solitárias.

Para mim, ao arquiteto restaram apenas duas opções nesse quadro: um formalismo oco – desprovido de qualquer atrativo – ou uma onda convulsiva em busca de contexto ou novas características.

Hoje, portanto, trata-se de “montar a cena” ou procurar por características marcadas pela exuberância, redução ou mesmo jogos banais.

Um dos temas com que me preocupo no processo de criação da cidade do presente – e portanto do futuro – é a questão da característica. O ponto é: qual é o conteúdo da mensagem. Uma questão que continua a intrigar-me na prática diária do trabalho de planejamento urbano – em Amsterdã, Haia, Tilburg e Maastricht – é a da laboriosidade. Laboriosidade, seja a partir do simples encadeamento de pensamentos referentes ao pragmatismo de dados econômicos, seja aquela baseada na atitude defensiva por parte dos moradores, corporações habitacionais ou outros participantes defendendo seus interesses. Finalmente, há também a laboriosidade das esferas do governo envolvido, preparadas apenas para fornecer apoio financeiro, fazendo-o muito lentamente, e mesmo assim numa escala apenas modesta.

### My feelings about urban planning today Context versus formalism

The hollow and empty image that currently characterises the city and thus unfortunately its accompanying urban architecture is best reflected in the image presented by locations that are in accordance with the market. They ruthlessly accentuate the debacle of urban architecture. The current societal model, with its lack of coherence and lack of willingness to achieve unanimity in issues of urban planning, leads to the choice of solitary construction.

To my mind, the architect is left with only two options with this picture: a hollow formalism – lacking any allure – or a convulsive surge for context, or new characteristics.

In the current era, however, it is a question of “setting the scene” or searching for characteristics, characterised by exuberance or reduction or even (banal) games.

One of the themes that preoccupies me in the creation of our current – and therefore future – city is the problem of characteristic. The question is: what is the content of the message. A question that continues to hit me in daily practice in urban planning work – in Amsterdam, The Hague, Tilbury and Maastricht, is the question of laboriousness. Laboriousness, or from the single train of thought relating to the pragmatism of economic or banal figures, or laboriousness based on a defensive attitude on the part of residents, housing corporations or other participants defending their territory. Finally, there is also the laboriousness of the tiers of government involved, who are only prepared to provide financial support while dragging their feet, and then on only a modest scale.

Há uma história triste por trás de tudo isso: trata-se do importante e decisivo papel do dinheiro, do amadorismo, da falta de conhecimento técnico entre os que decidem, sobrevalorização do prestígio e apoio sem critérios claros.

Por outro lado, há a discussão arquitetural – periódicos, jornais e revistas que hoje dão ampla e quase contínua cobertura à arquitetura. Surgem então protestos sonoros devidos à grande atenção dada a um ambiente saudável; no entanto, ainda hoje não consigo localizar isso, ou só o consigo com muita dificuldade. A arquitetura, no sentido correto do termo, deve ser procurada com uma lente de aumento, particularmente a arquitetura da cidade.

A arquitetura da cidade, tal como a conhecemos através da história e de cidades como Amsterdã, Paris, Roma, Veneza ou Viena está vinculada à consciência cultural. Várias razões podem ser apontadas para explicar porque aquele conceito de cidade coerente foi superado: aumento de tráfego, a explosão do crescimento populacional, mas particularmente, ao valor atribuído mais ao desenvolvimento do processo do que ao produto.

A cidade está abarrotada pela enésima vez. Há fundamentos para supormos não se poder mais falar de urbanismo. Há apenas “faits urbains” que significam territórios, objetos arquitetônicos, ou a combinação de ambos, o que maquia e acaba por definir nosso conceito de cidade.

Encontrar e construir uma coerência entre os elementos verticais da paisagem urbana, as entidades urbanas existentes e as novas partes a serem acrescentadas, de modo a satisfazer critérios de valor, é o novo desafio com o qual nos deparamos.

## Dois motivos principais

As forças que me movem arquiteturalmente são claras: localização (território, contexto, natureza, local) e movimento (luz, crescimento). Todo trabalho que produzi nos últimos vinte anos pode, em última instância, ser classificado sob esses tópicos principais. Se, além disso, eu incluir a proposta de nossa ocupação – construir e implementar – meu círculo está completo.

Contudo, tal abordagem pode parecer muito abstrata à primeira vista, e talvez esteja um pouco distante da realidade, ainda mais se considerarmos que nossa ocupação lida essencialmente com questões concretas e essa realidade do dia a dia pode facilmente fazer esquecer-me de minha abstração. Ao longo dos anos em que lecionei, implementei, coordenei e projetei, descobri que, independentemente da diversidade dos resultados, os temas descritos acima retornam sistematicamente, definindo explicitamente meu pensamento.

Localização e movimento representam muito e contêm muito. À localização, associao o território e tudo a ele relacionado – o local, a natureza e o ar, mas também o contexto.

O movimento é o motor de tudo: funções, definição de infra-estrutura, mas movimento também são as ondas de luz, som e sombras. É claro que mudança, crescimento, flexibilidade e o tecido que daí vai sendo costurado em contraste com o padrão vigente são temas subjacentes em meu trabalho e com os quais sempre me preocupo.

Os dois conceitos podem parecer abstratos, mas, retirada a tampa da caixa, surge a riqueza de um universo construído de homem e matéria, cujo desenvolvimento conjunto cabe ao arquiteto traduzir cuidadosamente.

The story behind all this is a sad one: it speaks of the major decisive role of money, the amateurism, the lack of expertise among decision makers, overprestige and blind clinging.

On the other hand, there is the architectural discussion, the journals and magazines and newspapers providing ample and almost continuous attention to the architecture. There are then vociferous calls for the fact that too much attention is being given to a sound living environment, but even now I still cannot discover that, or only with difficulty. Architecture in the proper sense of the word has to be searched for with a magnifying glass, particularly the architecture of the city.

The architecture of the city such as we know it from history and from cities like Amsterdam, Paris, Rome, Venice or Vienna is one of cultural awareness. A number of reasons can be given to explain why that coherent city concept has been overtaken: the increase in traffic, the explosive population growth but particularly also the greater value attached to the course of the process rather than appreciation of the product.

The city is bursting at the seams for the umpteenth time. There are grounds for assuming that we can no longer speak of urbanism. There are simply “faits urbains” which mean territories, architectural objects or collections of both that make up the city concept and define our concept of the city.

Finding a coherence between the vertical elements in the urban landscape, between existing city entities and the new pieces to be added, constructing a coherence that satisfy criteria of value, is the new challenge facing us.

## Two main motives

The forces that drive me architecturally are clear: location (territory, context, nature, location) and movement (light, growth). All the work I have produced over the past twenty years can ultimately be classified under these main headings. If in addition I include the purpose of our occupation – constructing and implementation – my circle is complete.

Whilst this approach may appear very abstract at first glance and somewhat at odds with reality. Particularly as we know that our occupation essentially deals with concrete matters and this day to day reality can easily cause me to forget my abstraction. Over the years, in which I have taught, implemented, co-ordinated and designed, I have discovered that however diverse the results may appear, the themes given above return time and again and explicitly determine my thinking.

Location and movement represent a lot and contain a lot. With location I associate the territory and everything to do with that, it is the location, the nature and the air, but also the context.

Movement is the engine of everything, functions, orientation of infrastructures, but movement is also the waves of light or sound, light and shadow. It is clear that change, growth, flexibility, the fabric that has come about, in contrast to the order pattern, are underlying themes that constantly preoccupy me in my work.

The two concepts may appear abstract, once the lid is taken off the box the rich world of our universe of man and matter opens up, how they have grown together and how it is the architect's duty to deal with them carefully.

Arquitetura, trate ela de objetos, conjuntos ou entidades inteiras, é uma forma de civilização. Isso fica claro ao vermos um tijolo ser colocado sobre o outro: o método é a construção, as ligações, a aplicação do material; tudo deve ser feito corretamente, caso contrário, será julgado inaceitável. As tradições são antigas e qualquer mudança demora a acontecer. Conhecemos esse fenômeno através da história da arquitetura. Além de se querer evitar riscos de erros e defeitos na construção, há a questão do sentimento e de associações que também influenciam ou mesmo determinam a aceitação. Considere a moda nesse contexto, por exemplo.

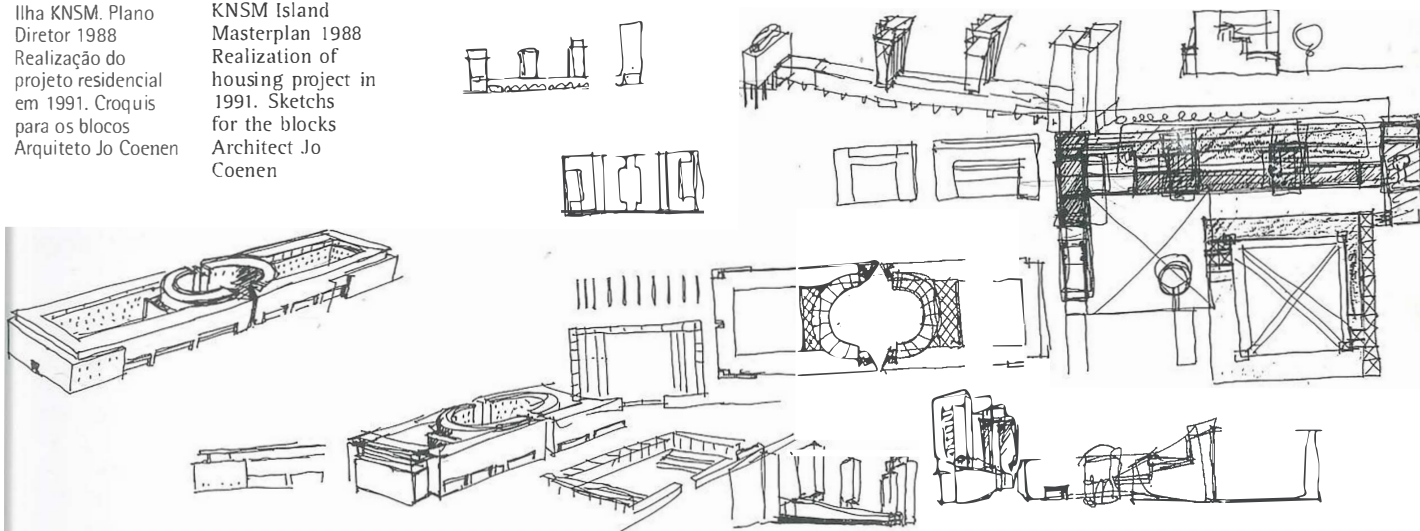
Como a escala dos planos tem um impacto significativo no projeto, mas também na viabilidade das opções, e considerando que meu trabalho também abrange vários níveis de escala, listei esses dois temas como os fatores de ligação que permeiam meu trabalho.

Architecture, whether one is dealing with objects, ensembles or entire entities, is a form of civilisation. You notice it as soon as one brick is laid on top of another: the method is construction, the links, the material application; everything has to be done correctly otherwise it is not deemed acceptable. The traditions are ancient ones and any shifts are slow to come about. We know this phenomenon from the history of architecture. Apart from avoiding risks of construction errors, defects, there is the sense of sentiment, associations that also influence or even determine acceptance. Think of fashion in this context for example.

As the scale of the plans has a significant impact on the design, but also on the options that are feasible, and as my work also spans several levels of scale, I have listed these two themes as the linking factors running throughout my work.

Ilha KNSM. Plano Diretor 1988  
Realização do projeto residencial em 1991. Croquis para os blocos  
Arquiteto Jo Coenen

KNSM Island Masterplan 1988  
Realization of housing project in 1991. Sketches for the blocks  
Architect Jo Coenen



## 2 Desenho urbano versus arquitetura: criando uma nova parte na cidade

Se revejo o atual campo de desenvolvimento e iniciativas em curso na Europa ocidental, o que imediatamente me chama a atenção é a interatividade entre os poderes a partir dos quais essas iniciativas surgem. O que é claro como a luz do dia é que todo desenvolvimento urbano, seja ele cultural ou público, é confrontado à luz da viabilidade, e a voz das autoridades municipais e dos cidadãos é ouvida levando-se em conta o interesse público; porém, na ausência de poder, fundos e prestígio, aquele desenvolvimento é, na prática, simplesmente esmagado ou ignorado.

Isso significa que um molho mercadológico de técnicas de venda é despejado sobre todos os projetos, fazendo com que todos eles e todas as funções pareçam razoavelmente padronizados. Como os princípios de mercado estão fundamentados principalmente no comportamento de compra, ou seja, em um comportamento padrão previsível das pessoas, segue-se que a opção pela hierarquia resulta em escolha óbvia: nos

## 2 Urban design versus architecture: making a new part in the city

If I review the current western European development field and current initiatives, what immediately strikes me is the interplay of power from which these initiatives arise. What is clear as daylight is that each urban development, however cultural or public it may be, is held up to the light of feasibility and the voice of the city fathers and its citizens are heard with a view to the public interest, but in the absence of power, funds or prestige, are simply trampled upon in practice or ignored.

This means that a market sauce of sales technique is smeared over all projects, making all projects and all functions appear reasonably standard, as market principles mainly rest on purchasing behaviour i.e. predictable standard behaviour by people. It follows from this that in opting for the hierarchy of things, it is clear where the choice lies: at the places where in earlier times the public buildings of the clergy and state were located in the central square in the town. The Italian town of Todi is a fine example of how a Cathedral and Town Hall are diametrically facing, but which together give the square its image and allow it to function, but

locais antigamente ocupados por edifícios públicos do clero e do Estado – na praça central da cidade. A cidade italiana de Todí é um bom exemplo de como catedral e prefeitura estão dispostas diametralmente, compondo no conjunto a imagem da praça, permitindo que ela desempenhe sua função. Mas, as praças de hoje estão recobertas de lojas (ou escritórios) como se já não houvesse necessidade de prefeituras ou teatros. Na ausência de outras funções, e portanto na ausência de uma figura equilibrada, há tentativas convulsivas, como colocar imagens velhas (portanto falsas) na frente das lojas. Isso poderia também explicar que, em função do desaparecimento ou enfraquecimento de arranjos mais familiares, há uma busca por associações, levando a que imagens derivadas (muitas vezes tediosas e insípidas, incapazes de esgotar os conteúdos) acabem sendo coladas aos esqueletos padrão, como um pano a estancar o sangramento. A crise de imagem pode ser clara, mas a crise de uma sociedade também o é. Há numerosos exemplos hoje a mostrar o quão desoladas, banais ou cínicas ela pode ser. E isso me traz de volta a meu tema: o truque é então escapar dessa forma, e há alguns métodos para consegui-lo.

O truque do conciso em prol do conjunto, a arte de desenhar o conjunto. Pela minha experiência, creio que um não é possível sem o outro, e escapar do molho padrão só é possível com ajuda. É por essa razão que a atual descrição dos projetos não se baseia exclusivamente em filosofia cultural ou estética, mas também em estratégia de processo.

Concluí que poucas pessoas são decisivas para o sucesso dos projetos atuais, apesar da presença de um grande número de participantes em uma série de comitês, entidades, equipes e grupos (de trabalho), e que as coisas só acontecem graças à cooperação intensiva entre esse poucos indivíduos – particularmente, contudo, por exigirem e se aterem a suas responsabilidades. Assim como no passado eram os soberanos, papas, reis e a nobreza que protagonizavam junto com seus artistas, os modernos atores no palco são os diretores-executivos, vereadores e administradores com seus projetistas.

Se, como resultado de filtragem, a clareza do processo aparecer depois de as cartas terem sido embaralhadas, fica claro (com justiça) quem está empunhando esse cetro: isso prova ser possível escapar da armadilha do mercado padrão e conferir à hierarquia seu papel precípuo, procedendo então de um modo normativo, ou seja, projetando e moldando de maneira significativa, evitando falsas associações e propiciando condições para autenticidade. Isso, portanto, não é apelar à utopia, ou fazer retroceder o relógio. Pelo contrário, é um apelo pela autenticidade de hoje, feito a partir da verdade sugerida por uma sociedade de mercado que caminha plenamente para o desenvolvimento. Muito disso existe atualmente de forma camuflada, o que demonstra um desejo secreto de envolvimento e liberdade, que apenas esporadicamente encontra uma forma de expressão, uma vez que as pessoas geralmente se sentem culpadas e não têm o hábito de revelar isso.

Entretanto, está vivo em cada um de nós.

Eu adoro a silhueta e a agitação da cidade, onde as pessoas se encontram e os grandes edifícios acomodam suas conversas, negociações, trabalho, teatro, arte e lazer. Em suma, cada faceta de nossa civilização. Contribuir para a modelagem e construção disso é uma grande experiência e um grande desafio.

the modern-day squares are filled with shops (or offices, as there is hardly any need now for town halls or theatres, in the absence of other functions and therefore in the absence of a balanced picture there are convulsive attempts to place old and therefore fake images in front of the shops. Furthermore, this explains the fact that as a result of the disappearance or falling away of the familiar pictures and content in a convulsive manner, there is a search for the associations and therefore derived images (often flat or insipid, failing to cover the contents) are pasted onto the standard skeletons, like a cloth to staunch the bleeding. The crisis of the image may be clear, but also the crisis of a society. There are numerous modern-day examples to show how desolate, banal or cynical they may be. And this brings me back to my theme: The trick is therefore to escape this form, and there are some methods for doing so:

The trick of the brief for the benefit of the ensemble, the art of designing the ensemble. From my experience, it is found that one is not possible without the other and escaping the standard sauce is only possible by assistance. It is for this reason that the current description of projects is not only based on cultural philosophy or aesthetics, but also based on process strategy.

What I have found is that only a few people are decisive to the success of current projects despite the presence of a great many people in a wide range of bodies, committees, teams or (working) groups, and that things only get off the ground thanks to very intensive cooperation between these few individuals. In particular, however, by sticking to and demanding their responsibility. Just as in the past these were the Rulers, Popes, Kings and nobility with their artist, the modern players on the stage are the Managing Directors, Alderman and administrators with the designers.

If as a result of filtering out the process clarity emerges after some time on how the cards have been shaken it becomes clear here (with justice) who is waving this sceptre: it proves possible to escape the trap of the market standard and thus to give the hierarchy as it ought to be and thus to proceed in a normative manner i.e. designing and shaping in a meaningful manner so that false associations can be avoided and authenticity can do its work. This is therefore not a plea for utopia or turning back the clock. On the contrary, it is a plea for the authenticity of today, by the suggested truth of a market society fully coming into development. Much of this currently exists in a hidden manner, which is a hidden desire for involvement, for freedom, which only sporadically finds expression, as people in general feel guilty and are not practiced in revealing this.

However, it is alive in every one of us.

I love the skyline and the bustle of the city, where people gather and grand edifices accommodate their conversations, negotiations, work, theatre, art and leisure. In short, every facet of our civilisation. To contribute to the shaping and construction of this is a great experience and a demanding challenge.

Nevertheless, this has been my ambition since an early age, when I visited Paris and was seduced by the sight and experience of that city: the imposing buildings, the parks, the magnificent banks of the Seine, the long avenues and boulevards, the mixture of the intimate and the majestic, the rivers, bridges, terraces and metro stations. The constant flow of taxis, buses

Essa, contudo, tem sido minha ambição desde jovem, quando visitei Paris e fui seduzido pela visão e experiência da cidade: os edifícios imponentes, os parques, as magníficas margens do Sena, as longas avenidas e os bulevares, a mistura do íntimo e do majestoso, os rios, pontes, terraços e estações do metrô; o constante fluxo de táxis, ônibus e pessoas que povoam a cidade, usam-na e dão-lhe vida.

O surpreendente e misterioso, mas ao mesmo tempo emocionante e cativante apelo dessa atividade de planejamento, permanece em minha experiência de que desenho urbano, independentemente de que o resultado final possa ser aparentemente direto e mesmo simplista, é a tarefa mais complexa que eu conheço.

Posso demonstrar isso melhor usando duas imagens:

- a fotografia aérea, mostrando a clara organização da área urbana;
- a planta baixa, mostrando – como se através de uma lente de aumento – os órgãos e entranhas que permitem à cidade funcionar, trabalhar e viver.

Garantir que essas duas perspectivas integrem-se harmoniosamente é a tarefa mais fundamental do planejamento urbano.

Com isso formulei uma das conclusões mais importantes a que cheguei com base em minhas várias atividades de desenho em situações de planejamento urbano.

As condições e limitações colocadas, e aquelas com as quais nos depararemos durante o processo de desenho também têm um efeito direto. Tive que aprender a restringir meu desejo por liberdade e a refrear o individualismo de meus projetos; descobri que, como princípio geral, planos extravagantes não são valorizados no planejamento urbano por serem muito específicos e criarem grandes limitações de todos os tipos.

Mais ainda do que no projeto arquitetônico, planejamento urbano não permite – ou apenas muito pouco – atalhos ou caprichos passageiros. O projeto deverá sobreviver a isso e resistir ao teste do tempo. Mais ainda do que quando construímos um edifício isolado, ao criarmos um conjunto deles – um projeto inteiro – as regras de Vitruvius sobre durabilidade, economia, orientação e ordenamento adequado aplicam-se.

Ainda assim, trabalhar com as cidades é uma de minhas ocupações favoritas: a composição de espaços dentro de um objeto – na prática, é disso que trata a arquitetura – certamente tem muito em comum com o planejamento urbano e sobrepõe-se a ele, mas há também uma clara distinção entre as duas atividades. Certamente a complexidade envolvida aumenta na proporção direta do número de precondições estabelecidas, e as interdependências influenciam-se mutuamente. Mas, tal fato obriga a uma redução do “nível de expressão”. Em desenho urbano, o autor do plano diretor deve de certa forma controlar-se, restringindo sua expressão arquitetural para que a inter-relação desejada seja alcançada antes de qualquer depoimento individual, momento esse que poderia ser introduzido pelos vários arquitetos em um estágio posterior, durante o desenvolvimento arquitetônico.

and people which populate the city, use it and bring it to life.

The surprising and mysterious, but at the same time exciting and enthralling, appeal of this planning activity lies in my experience that urban design – however apparently straightforward, even simplistic, the final result might be – is the most complex design task that I know.

I can best demonstrate this using two images:

- the aerial photograph, showing the clear organisation of the urban district;
- the street-level drawing, showing – as if through a magnifying glass – the organs and entrails which allow the city to function, work and live.

Allowing these two perspectives to integrate smoothly with one another is the most fundamental task of urban planning.

With this, I have formulated one of the most important conclusions which I have reached upon the basis of my many design activities in urban-planning situations.

The conditions and limitations which are laid down, and those with which you are confronted during the design process, also play a direct part. I have had to learn to restrain my urge for freedom, and to curb the individualism of my designs: I have discovered that, as a first principle, wild plans have no value in urban planning, because they are too specific and create too many limitations of all kinds.

Even more than in architectural design, urban planning allows no – or only very few – shortcuts or short-lived fads. The project will have to outlive these, and stand up to the test of time. Even more than when constructing a single building, when creating a collection of them – a whole project – Vitruvius' rules about durability, economy, orientation and good order apply.

Nevertheless, working on cities is one of my favourite occupations: the composition of spaces within an object – which is what architecture is, in practice, all about – certainly has many overlaps and much in common with urban planning, but there is also a clear distinction between the two activities. Clearly, the complexity involved increases in direct proportion to the number of preconditions laid down, and dependencies influence one another more. Conversely, this fact obliges one to reduce the “level of expression”. In urban design, the master planner must control himself somewhat, restraining his architectural expression in order that the intended interrelationship is achieved before any individual statement or scope for statement which could be introduced at a later stage, during the architectural development by the various architects.

In addition to developing his master plan, the supervisor's duties encompass piloting his fellow architects and the construction teams through the complex process – characterised by many obstacles and differences of opinion as regards policy, budget and prestige – leading to completion.

In short, master planning involves an unusual but particular form of interaction between the – original – challenge of testing out the scope of possibilities which can subsequently be reduced to a manageable scale, and that of not restricting the richness which is created through individual development. “You do want to express yourself, but it is more advisable not to do so, in order to avoid making later indulgences by others impossible. This, however, is on the understanding that the spectrum of possibilities is known in advance.”

Além de desenvolver seu plano diretor, os deveres do supervisor englobam dirigir seus colegas arquitetos e as equipes de construção através do complexo processo – caracterizado por muitos obstáculos e diferenças de opiniões quanto a encaminhamentos, orçamento e prestígio – que leve à conclusão do plano.

Em suma, a realização de planos diretores envolve uma forma de interação incomum, mas especial, entre o desafio – original – de testar a gama de possibilidades que possam subseqüentemente ser reduzidas a uma escala administrável e o de não restringir a riqueza criada através do desenvolvimento individual. “Você realmente quer expressar-se, mas é mais aconselhável não o fazer, a fim de evitar futuras consequências impossíveis. Isso, contudo, pressupõe o entendimento de que o espectro de possibilidades é conhecido com antecedência”.

Repare que quando falo em desenho urbano, isso não deve ser confundido com planejamento urbano, que se refere ao gerenciamento dos processos que levam ao funcionamento da sociedade: entendo e vejo a necessidade tanto dos conhecimentos e habilidades da engenharia civil (infra-estrutura, tráfego, sistema de esgotos, sistemas de comunicação), quanto dos elementos sociogeográficos, sociopsicológicos e socioeconômicos)

Desenho urbano diz respeito à arte de construir e ordenar um certo tipo de desenvolvimento, de tal forma que assuntos como movimentos de interesse público, áreas limítrofes, acesso a áreas vizinhas e percepção de orientação sejam conduzidos de modo a resultar em elementos elegantes, bem-sucedidos e funcionalmente centrados na cidade. Gostaria de ilustrar isso concentrando-me em alguns dos nossos mais conhecidos planejadores – e seus planos – na história da arquitetura.

São todos sobre estruturas, o que tem sido a prática tradicional da produção em urbanização. Nos dias de hoje, deve-se notar que isso não pode ser confundido com jogos estruturais. “Dabei handelt es sich um Strukturen und nicht um Form-Spielereien” (“Diz respeito somente a estruturas, não a jogos formais”).

Berlage	Taut
Wagner	Schumacher
Mies van der Rohe / Le Corbusier	Tange
J.J.P. Oud	Siza
Cornelis van Eesteren	Snozzi

Alguns dos exemplos aqui mostrados demonstram tanto limitações quanto beleza. Está claro que conceitos urbanos formulados por arquitetos têm suas limitações porque não podem (ou quase nunca) impor suas preferências.

Porém, podemos ver que a história da arquitetura e a do planejamento urbano são escritas com base nesse tipo de planos, que também determinam o progresso do pensamento em planejamento urbano.

Uma última dificuldade é o fato de que o atual trabalho de desenho urbano não consiste somente na produção de pequenos objetos – a tarefa clássica – mas, principalmente em um envolvimento com enormes processos de desenvolvimento que devem ser cumpridos em um curto tempo.

Essa realização coloca algumas questões urgentes. Todos já conhecemos muito bem as tensões entre evolução natural e planejada, entre o aparentemente arbitrário e o racional, e

Please note that when I talk about urban design, this should not be confused with urban planning, which concerns the management of the processes which lead to the functioning of a society: I understand and see the necessity for both civil-engineering knowledge and skills (infrastructure, traffic, sewerage systems, communications systems), and the sociogeographical, sociopsychological and socio-economic element.

What urban design is about is the art of arranging and constructing developments so that the issues of good public movement, area boundaries, access to surrounding areas and orientating insight are addressed in a way which results in elegant, functionally successful and focused elements within the surrounding city. I would like to illustrate this by focusing upon a number of our well-known planners, and their plans, from architectural history.

These are all about structures, which have traditionally always been produced in urbanisation. In our era, it must be noted that this should not be confused with structural games. “Dabei handelt es sich um Strukturen und nicht um Form-Spielereien” (“It’s all about structures, and not about structural games”).

Berlage	Taut
Wagner	Schumacher
Mies v/d Rohe/Le Corbusier	Tange
J. J. P. Oud	Siza
Cornelis van Eesteren	Snozzi

A number of examples shown here demonstrate both limitations and beauty. It is clear that urban concepts made by architects have their limitations, because they can never – or hardly ever – impose their preferences.

Nevertheless, we can see that the histories of architecture and urban planning are written upon the basis of this kind of plan, which also determines the progress of urban planning thought.

One last difficulty is the fact that the current job of urban design no longer consists solely of producing small objects – the classical task – but primarily involvement huge developments which need to be completed in a short time.

This realisation leads to some pressing questions. We already know all too well about the tensions between natural and planned evolution, between the apparently arbitrary and the rational, and between what has grown and what is made. The city centres of Europe are more visited and more highly valued than the periphery.

But as we prepare the broad urban plan, we continuously have to make assumptions and choose priorities

Linz, Austria

Linz, Austria

entre o que floresce e o que é construído. Os centros urbanos da Europa são mais visitados e mais valorizados do que a periferia.

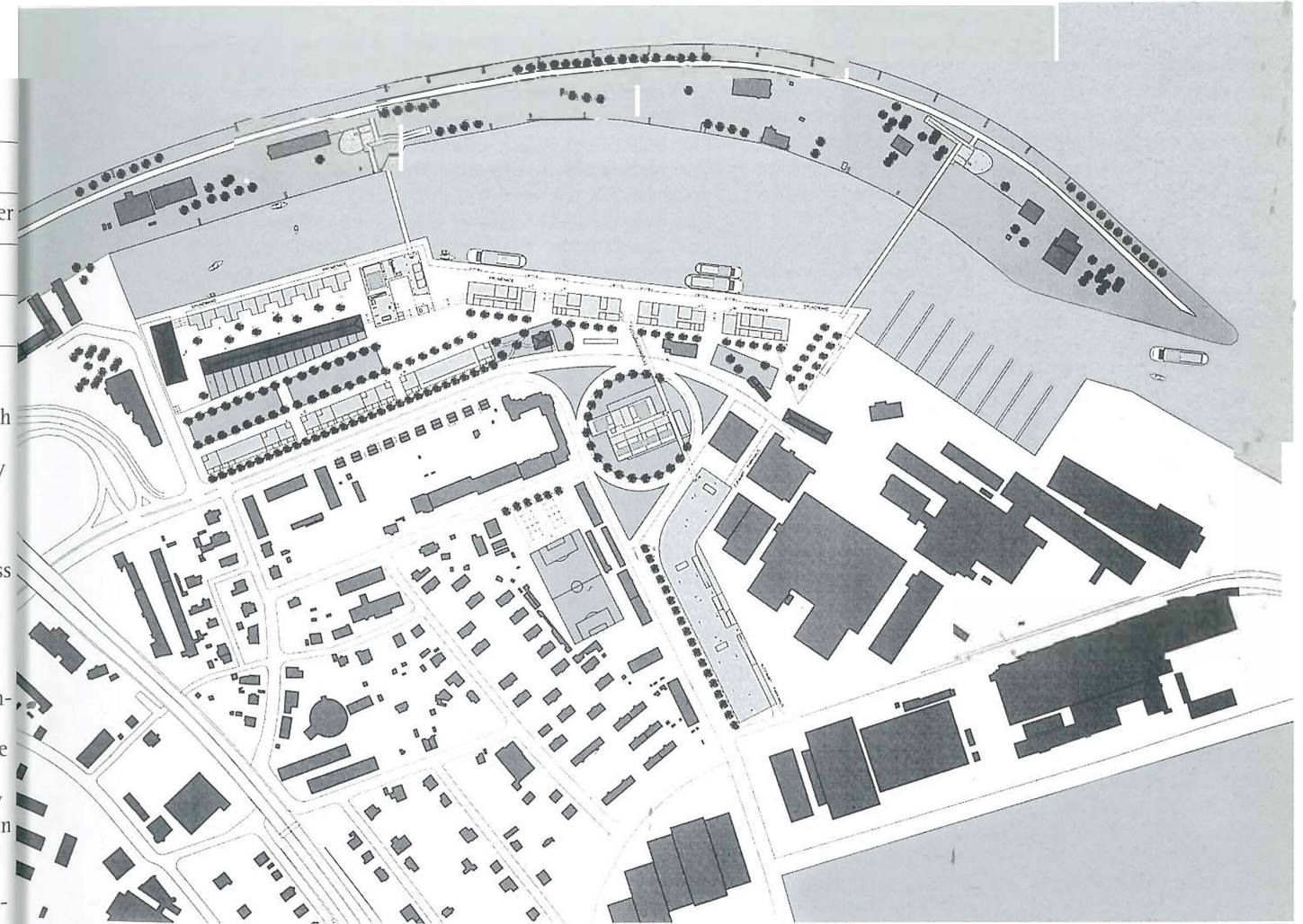
Mas, ao prepararmos um plano urbano amplo, continuamente temos que fazer suposições e escolher prioridades ao longo do caminho. Ao fazê-lo, podemos apoiar-nos parcialmente na ajuda fornecida pelos resultados de estudos e análises que nos são dados por teóricos. Por essa razão, nesse momento sinto-me feliz por fazer uma distinção entre os teóricos e aqueles que aplicam as coisas na prática. Além de fazer parte do mundo acadêmico, encontro-me também no mundo de aplicações práticas, que constantemente pede por soluções prontas para os problemas – pequenos ou grandes – da cidade. Assim agindo, espera-se que ocorra a restauração de localidades e um acréscimo de valor a elas.

Por enquanto, vejo essa tarefa como útil e tal consideração pode dar substância à profissão de desenhista urbano.

along the way. In doing so, we can draw partially upon the assistance provided by the results of the studies and analyses given to us by theoreticians.

For this reason, at this moment I am glad to make a distinction between the theoreticians and those who apply things in practice. As well as in the academic world, I also find myself in the world of practical applications, which is constantly asked to provide ready-made solutions for problems, large and small, in the city. In doing so, they are expected to restore locations and add value to them.

For the time being, I see this task as a useful one, and from this appreciation can give substance to the profession of urban design.



3

### Espaço Público Introdução

Trabalhar no interior de uma cidade é uma das ocupações prediletas dos arquitetos e desenhistas urbanos. Urbanistas geralmente sentem desde cedo não apenas o desejo de querer fazer edifícios, mas estruturar ou reestruturar partes da cidade, criar relacionamentos e organizar movimentos, criar atmosferas e permitir à sua entidade trabalhar como um todo. Desde 1987 tenho tido repetidas oportunidades de, através de incumbências diretas ou concorrências fechadas, converter idéias e convicções sobre planejamento urbano em planos para as principais áreas dos centros urbanos que estejam sem função ou sendo esvaziadas.

3

### Public space Introduction

Working on a city interior is one of the favourite occupations of architects and urban designers. Designers often sense the wish at an early stage not only that they want to make buildings, but to structure or restructure parts of cities, to create relationships and organise movements, create atmospheres and to allow the entity as a whole to work. Since 1987, I have repeatedly been given the opportunity via direct assignments or closed competition to convert urban planning ideas and convictions into plans for major areas in inner cities that lie fallow or are becoming empty.

Além de compor o desenho técnico e organizacional, muitas vezes fui chamado a implementar esses planos como supervisor. Essa tarefa, que freqüentemente leva vários anos, é extremamente importante. Arquitetura urbana requer paciência, persistência, atenção, mas também grande flexibilidade e senso de adaptação.

Nos Países Baixos a tradição em desenho urbano não passa despercebida; basta olharmos o trabalho de Berlage, Oud, Van Eesteren e Bakema.

Especialmente agora que o mundo ao seu redor está literal e figurativamente se dividindo em unidades separadas, considero aquela tarefa uma das mais importantes para a atual geração de planejadores urbanos -- isto é, criar planos que não mantenham esse (indesejável) status quo, ou que mesmo ironicamente o confirmem, mas que se concentrem em ao menos conectar os fragmentos e portanto estabelecer clareza e orientação coerente. Isso significa criar planos que integram em vez de divergir.

Está na moda coordenar e estabelecer entidades que atendam os desejos específicos e individuais de pessoas físicas e respectivas partes envolvidas.

A imagem ideal típica resultante da cidade fragmentada pode ocorrer em nossas observações intelectuais, mas deixa de proporcionar o clima urbano de familiarização inerente a uma boa cidade: no fim do dia é a coerência mesma que faz de uma cidade, uma cidade. Se já não há necessidade disso, como muitas especulações e investimentos atualmente revelam, o conceito da "cidade" pode ser considerado redundante, fazendo portanto o clima da cidade ser implicitamente redundante. A velha cidade européia -- uma de nossas heranças mais preciosas -- também compreendia um grande número de entidades coerentes.

À luz dessas observações, olho com grande pena as construções e criações que a civilização urbana realizou e que os moradores cuidadosamente estimam e cautelosamente continuam desenvolvendo.

### O quebra-cabeça tradicional

A imagem do externo tem um papel importante onde um alto grau de melhoria já foi alcançado. Além de organizar os perfis de um espaço interno, ser capaz de criar os contornos dos espaços externos e também participar do jogo arquitetônico por fora, no campo externo, é uma grande alegria para o arquiteto. Quando objetos se aproximam, temos repentinamente a questão da mudança do foco de atenção e deparamo-nos com a tarefa de realizar um todo no qual o objeto não esteja necessariamente fazendo o papel principal, mas uma combinação de papéis; isso leva a uma composição na qual esses objetos se fundem, como partes de um quebra-cabeça, a um autêntico "Gesamtwerk", ou trabalho completo.

Fazer uma composição como essa é um dos temas favoritos de projetos urbanos/paisagísticos, levando-se em consideração que o espaço entre esses objetos certamente não é uma sobra. Pelo contrário, está completamente

Apart from making up the organisational and technical design, I was repeatedly asked to help implement these plans as supervisor. This task, which often spans several years, is extremely important. The urban architecture discipline requires patience, persistence, watchfulness but also great flexibility and a sense of adapting.

In the Netherlands, the tradition of urban design is not unknown, we need only look at the work of Berlage, Oud, Van Eesteren and Bakema.

I regard it as one of the tasks in the current generation of urban planners -- now that the surrounding world is both literally and figuratively dividing into separate units -- to create plans that do not maintain this (undesirable) status quo, or even ironically confirm it but which are actually focused on at least linking the fragments and thus establishing coherent clarity and orientation: that means creating plans that integrate rather than diverge.

It is "in" to co-ordinate and to establish entities, that meet specific and individual wishes from private persons and parties.

The resultant ideal-typical image of the fragmented city may occur in our intellectual observations, but it fails to deliver the familiar urban climate inherent in a good city: at the end of the day it is the very coherence that makes a city a city. If there is no longer a need for this, as many speculations and investments currently reveal, the concept of "the city" is declared redundant, thus making the city climate implicitly redundant as well. The old European city -- one of our most precious inheritances -- also comprised a large number of coherent entities.

In the light of these observations, I look with a great deal of piety at the constructions and creations that urban civilisation has created and which the residents carefully cherish and cautiously further develop.

### The traditional puzzle

The image of the outside plays a large role where a high degree of cultivation is reached. Besides organising the profiles of an inner space, it is a great joy for the architect to be able to create the contours of the outer space and also play the architectonic game outside in the exterior field. When objects come close together, it is suddenly a matter of a change of attention and we are faced with the task of realising a whole in which the object is no longer necessarily playing the main part, but in a combining the parts, it leads to a composition in which these objects merge, like parts of a jigsaw puzzle, into one authentic "Gesamtwerk".

Making a composition like this is one of the most favourite themes of town/landscape designs, taking into account that the space in between these objects is certainly not a remnant. On the contrary, it is inextricably bound up with the total composition. In my opinion, not until this becomes nameable and recognisable as a public space, it is a valuable work: it makes the work complete.

#### Complexo, mas descomplicado

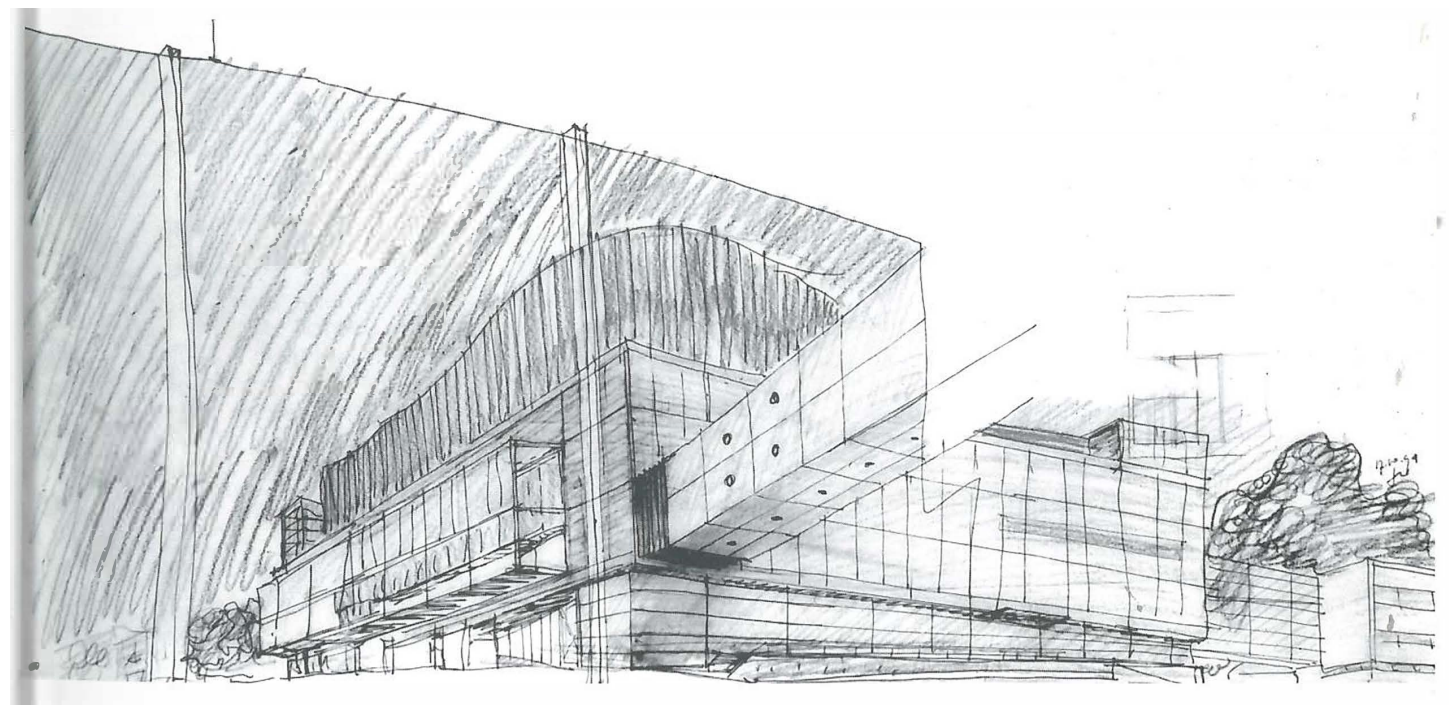
Em alguns casos usei o cuidadoso arranjo de partes de edifícios das redondezas como tema arquitetural e de planejamento urbano. Esse tema tem sido usado ao longo da história da arquitetura (do islâmico Taj Mahal, ao moderno Chandigarh, de Le Corbusier) para dar aos edifícios um certo significado e um valor simbólico. Eu também estava interessado em alcançar uma naturalidade descomplicada.

Os projetos de conjuntos de edifícios realizados por vários arquitetos inspiraram-me a fazer configurações em planejamento urbano. São os planos para o convento dos Dominicanos em Media, de Louis Kahn, para a embaixada alemã em Roma, de Oswald Mathias Ungers, e para o Wissenschaftszentrum em Berlim, de James Stirling. Esse último plano não foi construído inteiramente segundo os projetos originais, e os outros dois nunca foram construídos. As configurações especiais que eles mostram têm como fonte de inspiração um passado remoto: a Villa Adriana em Tívoli, e o Campo Santo em Pisa, ambos na Itália, e os planos de colagem para edifícios romanescos e do final do renascimento.

#### Complex but uncomplicated

In some cases I used the careful arrangement of building sections in the surroundings as the architectural-town planning theme. This theme has been used all through the history of architecture (from the Islamic Taj Mahal to the modern Chandigarh by Le Corbusier) to lend buildings a certain significance and symbolic value. I was also interested in achieving an uncomplicated naturalness.

The designs of building complexes by various architects inspired me to make town planning configurations. They are the plans for the Dominican convent in Media by Louis Kahn, for the German embassy in Rome by Oswald Mathias Ungers and for the Wissenschaftszentrum in Berlin by James Stirling. The last plan was not built entirely as originally designed, the other two were never built. The special configurations which they show have sources of inspiration in the distant past, the Hadriana Villa in Tivoli, the Campo Santo in Pisa and the collage plans for Romanesque and late Renaissance buildings are ensembles. They are based on coincidences and apparent contradictions



Apoiam-se em coincidências e aparentes contradições que estão incluídas no plano básico. Fiquei impressionado com a riqueza de tipos de espaços e com a precisão das demarcações. É o mesmo no caso dos castelos do vale do rio Loire, na França e com o castelo de Hoensbroek, em minha região de origem: passa-se por uma série magnífica de portais, pontes sobre lagos, canais e jardins ao longo de edifícios estereotipados, e depois de uma curva fechada, finalmente atinge-se a barriga do edifício. Jazidas às vezes mostram também uma surpreendente seqüência de edifícios variados. Eles formam uma fonte que constantemente me estimula.

Nos três planos mencionados para Rotterdam, Tilburg e Offermans, a livre disposição dos corpos dos edifícios é acompanhada por um ancoramento preciso na paisagem circunvizinha. O entorno existente é trazido como base para o projeto. O complexo é gravado neles e elaborado dentro de um conjunto.

which are included in the basic plan. I was struck by the wealth of type of spaces and the precision of the demarcations. That is also the case with the castles on the Loire and with the Hoensbroek castle in my native region: past a magnificent series of portals, bridges over ponds and canals and gardens along stereotyped buildings, after a sharp turn one finally reaches the belly of the building. Mine complexes also sometimes show a surprising sequence of diverse buildings. They form a source I constantly draw on.

In the three plans for Rotterdam, Tilburg and Offenbourg the free arrangement of the building bodies is accompanied by a precise anchoring in the surrounding landscape. The existing surroundings are brought in as a basis for the designing. The complex is etched into them and elaborated into a domain.

It complements the environment, enriches it.

The anchoring is sometimes done through the building sections, but also through more landscape elements, can extend far into the surroundings, but also cover, very compressed, a small surface. Exhibitions building, steps, landings, bridges and terraces are means which link the complex to the public domain.

uma experiência, deveríamos prestar atenção a isso. Visitei alguns lugares nos arredores de Barcelona onde novos espaços públicos foram criados com resultado positivo.

A imagem ideal de espaço público é aquela de um lugar na cidade que ofereça uma oportunidade comum à sociedade. Há o desejo, apoiado na tradição, de usar um bem para a expansão da cultura humana. Para a humanidade é de grande importância ser aceito por essa cultura e ser parte dela.

Além disso, é óbvio que isso acontece menos direta e fisicamente, mas, tornou-se realidade virtual também. Os numerosos talk-shows na TV aproveitam-se de velhas necessidades e substituem isso por algo novo.

Uma variedade bem equilibrada dessa arte parece ser o único meio de concretizar o espaço público. Apesar disso, a alternativa "ao vivo" ainda é muito popular; contudo, adquire forma segundo um modo próprio, como se vê nas megamanifestações de música ou eventos esportivos em estádios do mundo todo.

Às vezes é uma combinação dos dois: Phil Collins apresentando-se ao vivo em Londres e dez horas depois também ao vivo em Nova York e ainda o mesmo show apresentado em um programa de televisão assistido por milhões de pessoas no mundo todo – todos assistindo juntos.

Isso transformou o espaço público em virtual. Vida e virtualidade enlaçados como que por mágica; a imagem surreal torna-se permanente. O espaço público existe espontaneamente e realisticamente na TV e nas redondezas das metrópoles, substituindo a imagem familiar no interior das cidades por uma nova imagem de espaço público: um mundo insensato baseado em eficiência e conveniência de, por exemplo, maçanetas, McDonald's, McDrives ou cinemas ao ar livre. Próximo disso, a infra-estrutura sustentada por velocidade, carros e aviões cria uma nova imagem do mundo, ameaçando o espaço público como nós o conhecemos até agora.

O espaço público pode emergir a qualquer momento, em qualquer lugar, mas pode ser neutralizado imediatamente (todos nós sabemos qual é a sensação quando uma tomada desliga durante um concerto ao vivo). Parece que os países, povos e culturas que há tempos conheciam técnicas sofisticadas, não se importaram com isso, e aceitaram a técnica, trabalhando com ela por um bom tempo. Sabem também como lidar com técnica de um modo não tradicional. Isso significa que sociedades completamente novas podem surgir. Estou falando aqui sobre as conquistas no Extremo Oriente com sua cultura do "chip", constituída de complexas, mas muito eficientes redes de infra-estrutura. A "densidade" dos eventos é alta. Mas, mesmo em áreas densamente povoadas na Europa Ocidental, como na região do Ruhr na Alemanha, ou no Randstad nos Países Baixos, os limites entre áreas urbanas e rurais desaparecem de forma a dar espaço para que comportamentos sociais e modos de vida completamente novos se desenvolvam. A maioria de minhas experiências em planejamento foi sobre essas áreas, assim como em outras cidades holandesas ou alemãs. Ali pude observar que velhas tradições desapareceram para dar lugar a novas culturas.

Moreover it is obvious that this less happens directly and physically but that it has become virtual reality too. The numerous talkshows on t.v. take advantage of old needs and replace this by something new.

A well-balanced variety of this art seems to be the only way to realise the public space. In spite of this, the "live" alternative is still very popular, however, it takes shape in its very own way given the busily visited mega music or sports manifestations in stadiums all over the world.

Sometimes it is a combination of the two. Phil Collins performing live in London and ten hours later performing live in New York, however, still in the same television show, watched by millions of people all over the world, all together watching.

This made the public space virtual. Live and virtual twisted like magic; it makes the surreal image permanent. Public space happens spontaneously and realistically on t.v. and in the outskirts of metropolises, replacing the familiar image in the inner cities by a new image of public space: a no nonsense world based on efficiency and convenience of, e.g. handles, McDonald's, McDrives or open air cinemas. Next to it the infrastructure based on speed, cars and planes create a new world image which threatens the public space as we knew it until now.

Public space can arise then any moment, at any place but can be neutralised immediately (we all know the feeling of a disconnected plug during a live concert). It appears that those countries, peoples and cultures that have been familiar with sophisticated technique for quite some time, have made no problem of this but have accepted the technique and have worked with it for a long time. They also know how to deal with technique in a way that is not traditional. This means that whole new societies can arise. I am talking here about the achievements in the Far East, its chip culture consisting of complex but very efficient infrastructural networks. The "density" of events is high. But also in extremely densely populated areas in Western Europe, e.g. in the Ruhrgebiet in Germany or in the Randstad in the Netherlands, borders between urban and rural areas vanish in such a way that completely new social behaviours and lifestyles are coming to development. Most of my planning experiences were about these areas as well as in other Dutch and German cities. Here I could observe that old traditions disappeared and to new cultures emerged.

Kunstcluster. Sala de  
Concertos e  
Academia de  
Música, Baê, Drama  
e Artes. Tilburg  
Projeto 1992,  
realização 1996  
Perspectiva  
Arquiteto Jo Coenen

Kunstcluster  
Concert Hall and  
Academy of  
Music, Ballet,  
Drama and Arts  
Tilburg. Design  
1992, realization  
1996. Perspective  
Architect Jo  
Coenen

Chamar minha abordagem de metódica seria ir longe demais, porém, os mesmos métodos de trabalho podem ser encontrados em cada um dos projetos. Em primeiríssimo lugar, a infra-estrutura da área do plano é levantada, bem como as linhas ao longo das quais os limites e os movimentos serão projetados.

Então, há uma ou mais características visuais e associações que dão o tom, os contornos e os arranjos espaciais.

O método de trabalho poderia até ser chamado de primitivo. Com base nas perguntas: "o que é lá, o que eu posso fazer com isso, e o que deve ser feito?", todos os dados imagináveis – e não só os históricos – são incorporados ao plano.

A combinação de respostas produz um contexto espacial, com o qual o jogo de composição de cenas começa. Afinal, os edifícios aguentam tanto variação de cores quanto multiplicidade de significados, podendo ser impositivos e majestosos, mas também informais, descomplicados e convenientes para uso. Os melhores são os que não são muito definitivos e preservam espaços.

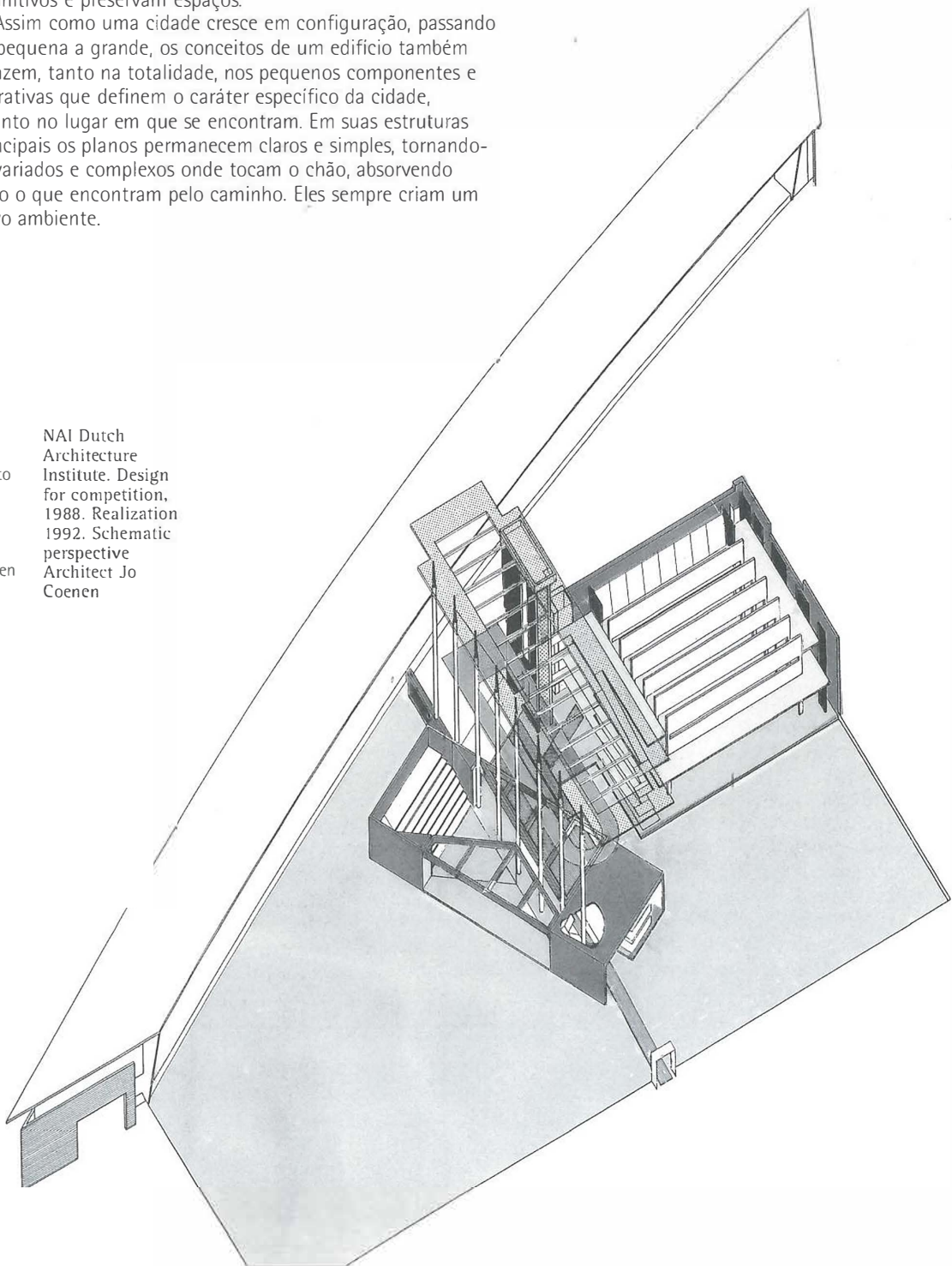
Assim como uma cidade cresce em configuração, passando de pequena a grande, os conceitos de um edifício também o fazem, tanto na totalidade, nos pequenos componentes e narrativas que definem o caráter específico da cidade, quanto no lugar em que se encontram. Em suas estruturas principais os planos permanecem claros e simples, tornando-se variados e complexos onde tocam o chão, absorvendo tudo o que encontram pelo caminho. Eles sempre criam um novo ambiente.

The combination of answers produces a spatial context, with which the game of scene-setting begins. After all, buildings bear both many colours and many meanings, can be imposing and, stately, but also informal, uncomplicated, and convenient to use. They are at their best when they are not too definitive and leave space.

As a city grows in configurations from small to large, so too are these concepts of a building, both in their entirety and in their small components, narratives which pick up the specific character of the city and the spot. In their main structure the plans remain clear and simple, becoming variegated and complex where they touch the ground, absorbing everything they encounter along the way. They always create a new environment.

NAI Instituto de  
Holandês de  
Arquitetura. Projeto  
para concurso de  
1988. Realização  
1992. Perspectiva  
esquemática  
Arquiteto Jo Coenen

NAI Dutch  
Architecture  
Institute. Design  
for competition,  
1988. Realization  
1992. Schematic  
perspective  
Architect Jo  
Coenen



Ele complementa o entorno, enriquece-o.

O ancoramento às vezes é feito através de partes dos edifícios, mas também através de mais elementos paisagísticos; pode estender-se pelo entorno, mas cobre também, de forma muito comprimida, uma pequena superfície. Prédios de exposições, degraus, patamares, pontes e terraços são meios que ligam o complexo ao domínio público.

O complexo tem muros, mas não são limites definitivos: o externo inclui o interno, e o interno inclui o externo; as áreas confluem-se. O edifício ganha uma expressão pragmática e narrativa: a expressão de uma organização enquanto instituição pública. Além de naturalidade, confere-se também ao cotidiano dignidade, uma certa forma de encanto público. A configuração do planejamento urbano faz do edifício parte de um todo maior. A característica de um ponto é reforçada; na verdade, é transformada em um novo lugar, uma vez mais com um caráter totalmente individual.

Enquanto que o contexto para o livre jogo com partes de um edifício no parque do museu em Rotterdam é encontrado em elementos urbanos e paisagísticos, tais como jardim, lago, muros, degraus, entrada, ponte e a longa arcada, em Tilburg as formas livres são unidas por uma larga faixa em formato quadrado. Esse edifício quadrado está entre uma série de imponentes prédios ao longo do Schouwburgring, no centro da cidade, e define a divisão entre teatro e mosteiro, funcionando como entrada para a Escola de Artes e como passagem para o esplêndido jardim do mosteiro, que é limitado pelos novos edifícios do centro de artes.

O vestíbulo, o café, a biblioteca e a sala equipada para atividades artísticas estão em um pátio público, onde todos os elementos públicos do centro de artes estão presentes. Ao lado dessa unidade está o caminho de corredores inclinados que levam à também inclinada sala de concertos da cidade. Esse espaço público, o hall da cidade, vai tornar-se o ponto de distribuição entre cidade e edifício, um lugar onde todos podem ficar passeando.

No plano para o Kulturforum em Offenburg, Alemanha, o nível dos pisos acompanha o de todos os edifícios existentes e direções presentes. Foram estabelecidas linhas de ligação no contorno, enquanto que o enquadramento e ancoramento foram, de modo geral, abandonados nesse plano, confinados a um único lado do conjunto. Nesse plano a infra-estrutura é o que mais define a localização dos espaços, de seus tamanhos e acessos. O percurso do visitante através do conjunto é o tema principal.

Chega-se aos pátios através de portais e aberturas nos muros; os pátios, por sua vez, funcionam como pequenas portas de acesso ao vestíbulo, corredores, escadas e rampas, e daí para os halls, café e escolas. As várias partes do edifício, empilhadas aparentemente ao acaso, lado a lado e próximas umas das outras expressam de forma bastante representativa a não complicação. A inclusão dos edifícios existentes e o tratamento dado a eles, associados à disposição dos novos blocos em volta deles é um princípio utilizável para a construção de cidades em pequena escala.

The complex has walls, but they are not definitive boundaries: exterior includes interior, and interior includes exterior, areas flow into each other. The building gets a pragmatic and a narrative expression: the expression of an organization as public institution. Apart from a naturalness the everyday is also given a dignity, a certain form of public attractiveness. The town planning configuration makes the building part of a larger whole. The characteristic of a spot is reinforced, actually made into a new spot with again, a completely individual character.

While the context for the free play with building parts in the Museum park in Rotterdam is found in urban and landscape elements, such as garden and pond walls, steps, doorway, bridge and the long arcade, in Tilburg the free forms are joined together by a broad ribbon in the form of a square. This square building is between a series of striking buildings along the Schouwburgring in the centre of the city and defines the split between theatre and monastery as entrance to the College of Arts and as gateway to the splendid monastery garden, which is bordered by new buildings of the arts cluster. The foyer, the cafe, the media library and the company room of the arts facility are on a public courtyard, where all the public elements of the arts cluster are presented. Beside this is the route of sloping corridors which lead to the city's tilted-up Music hall. This public space, the city foyer, will become the distribution point between city and building, a place where everybody can hang round.

In the plan for the Kulturforum in Offenburg, Germany, the floor plan follows on from all the existing buildings and directions present. Connecting lines are laid deep into the surroundings. The framing and anchoring is to a large extent abandoned in this plan, are confined to a single side of the complex. In this plan too the infrastructure is the most defining for the placing of spaces and for their size and access. The visitors' route through the complex is the main theme. Through portals and openings in the walls courtyards are reached, which in their turn function as a hatch through to foyer, corridors, stairs and ramps, and from there to the halls, cafe and schools. The various building sections are stacked apparently at random beside and next to each other and express to a high degree a lack of complication. The inclusion and processing of existing buildings in combination with the arrangement of the new blocks around it is a usable motif for building a city on a small scale.

To call my approach methodical would be going too far, however, the same working methods can be found in each of the projects. In the very first place, the infrastructure of the plan area is picked up, the lines along which the boundaries and the movements are projected.

Then, there is one or more visual characteristics and associations which fix the mood, the contours and the arrangement of the spaces.

The working method could even be called primitive. On the basis of the questions: "what is there, what can I do with it and what must be made?", all imaginable data-not only the historical - are incorporated into the plan.



**6 Confrontando velho e novo: construindo o conjunto**

Por me sentir tão ligado ao velho quanto ao novo, e como para cada problema busco o contexto e o programa espacial para encontrar a idéia específica, sempre aceito o risco de que em primeira instância as coisas que aparentemente não se encaixam, sigam sua própria lógica, tornando-se óbvias. Aqui pressuponho que uma nova criação integrada deva existir, a fim de permitir o crescimento futuro das coisas. Procuo não me fechar ao velho para manter o novo viável. Novo, para mim, significa não apenas pensar em algo novo, mas mais freqüentemente em fatos; e aquilo que está claramente disponível deve ser encontrado, revelado, usado de modo não conflitivo, mas junto, sempre com a convicção de que se trata de uma intervenção.

Desse modo, permaneço ativo, até que o novo cresça além de si mesmo, tornando-se parte constitutiva de um organismo no qual o novo não repele, mas permanece reconhecível e não está sujeito a falsa modéstia. Existe uma combinação na qual velho e novo não estão um ao lado do outro, mas fundidos.

**6 Confronting old and new: making the ensemble**

Because I feel just as well connected with the Old as with the New and for each problem I search for the context and the spatial programme to find the specific idea, each time I accept the risk that in the first instance the things that apparently do not fit together follow their own logic that becomes obvious. Here I assume that a new integrated creation will exist to allow the further growth of the things. I try not to shut myself off from the Old to keep the New viable. New, for me, means not only thinking of something new, but more often facts and that which is clearly available are to be found, made visible, not used in a conflict but together, always from the conviction that it is an intervention. I remain active in this way until the new grows out of itself and becomes a constituent of an organism in which the new does not repel but remains recognizable and is not subjected to false modesty. A new combination exists in which Old and New are not alongside each other, but have fused together.

### "Going wild"

"Wild thing, you make my heart sing" (Coisa louca, você faz meu coração cantar). Essa canção dos anos 60 refere-se ao prazer e emoções como importantes elementos da vida. Os mais belos temas referem-se a crescimento, vida e natureza. Movimentos, ondas, desenvolvimento e tudo o que cresce e que a natureza nos mostra estão entre as interfaces mais fascinantes da arquitetura.

"Tudo em movimento" é uma das frases que têm sido utilizadas recorrentemente há muito tempo. O que me fascina nisso é como o princípio do contínuo crescimento da matéria, a constante troca que mal é perceptível existe. Isso me estimulou a expressar essa noção não somente na forma de paredes removíveis de escritórios, mas também em planos vívidos de plantas baixas e ordenações que à primeira vista parecem caóticos. Olhando mais de perto, contudo, é uma questão de criar ilusões ou conhecer todas as irregularidades e independências adotando um gesto alegre, trazendo de volta à vida assuntos que antes pareciam desnecessários.

São projetos com um programa trivial de viver e trabalhar, mas tratados de modo a que seu aprofundamento mereça ser um assunto em si. Matéria morta pode parecer imóvel à primeira vista, mas até mesmo elas permanecem em movimento. A ilustração acrescentada não mostra uma obra de arte moderna, mas uma estrutura de pedra que, bastante ampliada, mostra magníficas mudanças e fusões. Do mesmo modo, estruturas construídas na cidade e no campo estão em movimento; elas são formadas ou transformadas pela mão humana. O homem parece ser capaz de transformar os maiores arranjos em padrões caóticos ou estruturados.

O tema da mudança de funções e a tão exigida flexibilidade nos edifícios estão contemplados por esse termo, assim como a direção de movimentos de caráter público, ou o controle das ondas sonoras em locais com equipamentos acústicos. Em suma, a arquitetura interage com o movimento de várias maneiras.

O movimento fascina, anima, é provocante e alegre.

Nos seguintes projetos: Little Village, em Bottrop, Alemanha e Little City, em Rotterdã ficará claro de que modo os projetos podem interagir com as localidades e absorver seu entorno imediato, ao mesmo tempo em que são capazes de criar um lugar com um novo caráter de modo inteiramente individual. Gosto de evocar diversas associações mas, particularmente, uma nova visão do mundo que o conceba de modo lúdico e alegre, e que deliberadamente afaste o óbvio, mostrando o futuro a partir de uma perspectiva diferente.

### "Going wild"

"Wild thing you make my heart sing". This song from the sixties refers to pleasure and emotion as important elements of life. To the most beautiful themes belong growth, life and nature. Movements, waves, developments and everything that grows and that nature shows us, are among the most fascinating interfaces known to architecture.

"Everything in motion" is one of the phrases which has been used characteristically since ancient times. The thing that fascinates me in this is how the principle of the continuous growth of matter, the constant change which needs hardly be perceptible, nevertheless exists. It stimulated me to express this notion not only in the form of movable office walls, but also in lively floor plans and arrangements that at first sight seem chaotic. At a closer look, however, it is a matter of juggling or picking up all irregularities and independencies with a joyous gesture and bringing matters back to life that seemed useless before.

They are projects with a commonplace programme of living and working, but dealt with in such a way that it is to a larger extent a matter of deepening this subject matter. Dead matter may seem immobile at first sight, but even such matter remains in motion. The illustration appended does not show a modern work of art, but a rock structure that – very much enlarged – shows magnificent shifts and fusions. In the same way the structures built in town and country are in motion; they are formed or transformed by human hand. Man appears to be capable of transforming the largest arrangements into chaotic or structured patterns.

The theme of the changing functions and the much-demanded flexibility in buildings is covered by this term in the same way as guiding the movement of public streams or controlling sound waves in acoustic facilities. In brief, architecture interacts with motion in many ways.

Motion fascinates, enlivens, is provocative and cheerful.

In the following projects: Little Village in Bottrop and Little City in Rotterdam it will become clear in what way designs can interact with their locations and absorb their immediate surroundings, but are also able to provide a place with a new character in an entirely individual way. The point is that I like to call up many associations, but particularly a new view of the world in a playful and joyous way that deliberately leaves the beaten track and shows the future in a different perspective.

### Sobre coerência versus caos e a arte do conjunto

Os atuais resultados de planos diretores levam, estou convencido, a uma diversidade que em alguns lugares é muito grande. A desintegração das grandes áreas é causada, em parte, pelo controle inadequado da imagem final.

Como as razões para isso são muito plausíveis – as limitações de pensar à frente do mercado, concepção contextual e problemas infra-estruturais – a arte do desenho do conjunto vem à minha mente.

Esta arte que faz aparições esporádicas na história da arquitetura é hoje mais contemporânea, na medida em que os problemas acima definem as idéias sobre arquitetura e desenvolvimento urbano.

Planos desfazem-se como areia e tornam-se uma coleção de objetos rígidos e sem alma, desprovidos de qualquer coerência.

O espaço público ainda é visto apenas como “lugar nenhum”, e esse tom específico priva a nova cidade do verdadeiro caráter urbano.

As regras que levam ao conjunto são muito interessantes. É a coesão criada por efetivas trocas de ângulo, e também a hierarquia entre os objetos.

É o tema da ligação de espaços internos e externos, mas certamente também a interdependência criada pelo funcionamento dos componentes.

Mas o todo, a soma do todo, aqui é muito maior que a soma das partes.

Se olharmos novamente o esplendor dos conjuntos barrocos e também a arte dos arquitetos urbanos do século 19, é notável como tudo se interliga passando de um para o outro sem interrupção e como as peças de quebra-cabeça encaixam-se.

Essa observação se aplica a todas as partes; nada é esquecido, todos os aspectos do planejamento estão representados, não apenas dos edifícios, mas também da paisagem.

Limites entre edifício e paisagem confundem-se e tornam-se uma motivação a mais para os desenhistas: orientações, perspectivas e belvederes são criados. Todo o alcance arquitetural e sua gramática são aplicados dentro e fora do edifício, sem que a ele se limitem, mas fazendo de ambientes inteiros o tema de sua linha de pensamento: existe aqui um imperialismo do desenho.

### About coherence versus chaos and the art of the ensemble

The present results of master plans lead. I am firmly convinced, to a diversity that is in many places too great. The disintegration of large areas is caused, partly, by the inadequate control of the final image.

Because the reasons for this are all too plausible – I have in mind the limitations on thinking ahead about the market, contextual conception, and infrastructural problems – this brings the art of design of the ensemble into my mind. This art that makes sporadic appearances in the history of architecture is now more contemporary since the problems above determine the thinking about architecture and urban development. Plans fall apart like loose sand, and become collections of rigid and soulless objects, deprived of any coherence.

Public space can still only be seen as “nowhere” land and this specific climate deprives the new town of true urban character.

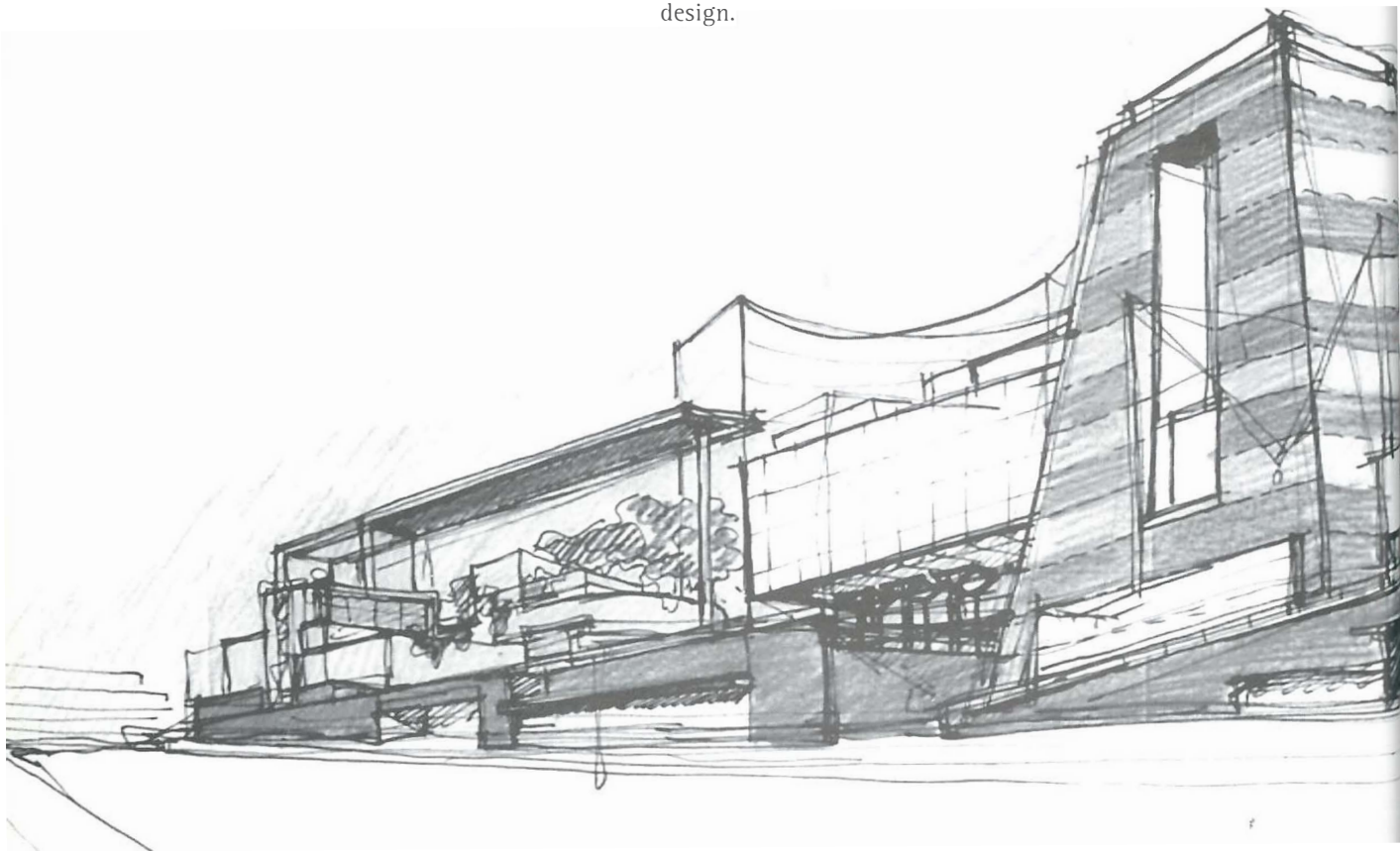
The rules leading to the ensemble are very interesting. It is the cohesion created by effective changes of angle, and also the hierarchy between the objects.

It is the theme of the connection of interior and exterior spaces, but certainly also the interdependency created by the functioning of the components.

But the whole, the sum of the whole, is here too greater than the sum of the parts.

If we look again at the splendour of the Baroque ensembles, and also the art of the 19th Century urban architects, it is remarkable how everything connects together, moves from one to the other without interruption and how the pieces of the puzzle come together.

This observation applies to all the parts, nothing is forgotten, all the aspects of the planning are represented, not only of the building but also of the landscape. Boundaries between buildings and landscape are blurred and become an additional motivation for the designers: orientations, perspectives, belvederes are created. The entire architectural range and its grammar are applied inside and outside the building. They are not limited to the building but make entire environments the subject of their line of thought: there is here an imperialism of design.



Essa arte é protegida nos centros importantes da Europa. Anteriormente, expressava-se apenas nos ambientes nobres e eclesiásticos – conhecemos seus palácios, jardins e parques. Essa abordagem foi implantada no ambiente dos cidadãos apenas no século 19, particularmente nos centros das cidades europeias.

Pesquisas mostram-nos que a beleza e o esplendor dessas importantes cidades não decorrem de simples coincidências.

Essa arte – essa forma de arte – deveria ser trazida ao presente e continuada. Deveria ser reconhecida e ser idêntica ao presente ao se trabalhar com ela de fato. Ficaria então claro que o responsável pelo plano diretor e sua equipe não devem se desviar da rota – dada pelo plano – que escolheram.

Tudo isso sem ignorar as questões adicionais, mudanças e intervenções resultantes das intervenções de clientes ou outros durante os processos de planejamento e execução. Geralmente, são apenas aquelas nuances adicionais que tornam os planos mais maduros e aumentam sua aceitação.

Essa arte subitamente esquecida, essa beleza quase abandonada e a habilidade que lhe é característica sustentam-se principalmente em projetos, por meio de regras dadas por um olho treinado, onde tanto o olhar para o perfil quanto para o detalhe são desenvolvidos. Temos então a arte da composição urbana – o desenvolvimento urbano do conjunto – que só atinge verdadeiramente sua profundidade e significância se a escala maior e o contexto no qual o assunto será definido forem totalmente contemplados.

Apesar de haver uma fusão de tecidos, pode-se confiar na ocorrência da exigida separação ou mesmo autonomia das partes. Um dos principais temas do conjunto é então, a hierarquia.

A importância do agrupamento (todo) é clara e a da conexão (entrelaçamento) com o contexto (terra ao redor) também; surge daí a questão do grau de importância e prioridade dado às partes e o modo como isso ocorre.

É nessa instância que, a meu ver, o valor dos princípios clássicos do conjunto é encontrado. Isso também engloba o grande problema.

This art is cherished in the important centres of Europe. It was first only applied in noble or ecclesiastical surroundings. We know their palaces, gardens and parks. This approach was implanted in the citizens' surroundings in the 19th Century, particularly in the centres of the European cities.

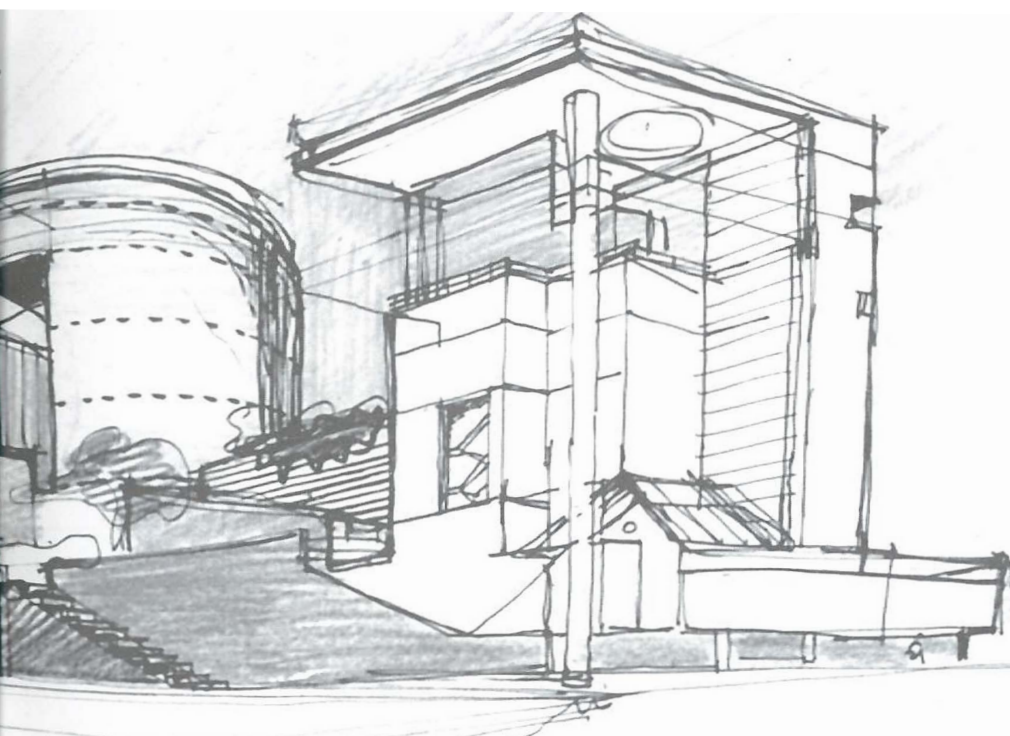
Research has shown us that the beauty and splendour of these important cities are not based on simple coincidence.

This art – this art form – should be brought up to the present and continued. It should be recognized and fully borne in mind by actually working with it. It will then be clear that the master planner and his team may not lose sight of the route – given by the plan – that they have set out. All of this without ignoring the additional questions, changes and interventions that arise from the client or others during the planning and execution processes. Often it is just those additional nuances that make plans more mature and improve their acceptability.

This suddenly forgotten art, this almost forgotten beauty and the craftsmanship that go with it are based mainly on design by the rules of the trained eye.

Where both the eye for the broad outline and the eye for detail are developed. It is then the art of composition, well-known to every building maker, however, with the condition that the urban composition – the urban development of the ensemble – only truly reach their depth and significance if the large scale and the context in which the subject is to be settled are fully considered. Despite that there is then a fusion of tissues, the required separation or even autonomy of the parts can be relied upon. One of the main themes of the ensemble is then the hierarchy.

The significance of the grouping (whole) is clear, the significance of the connection (interweaving) with the context (the surrounding land) also, raises the question of the extent to which, and thus the way in which the parts are given importance and priority. It is here that, in my view, the value of the classic principles of the ensemble is to be found. And it also covers the great problem.



Little City. Projeto urbano no antigo porto (Kop van Zuid). Rotterdam. Projeto de 1996. Arquiteto Jo Coenen

Little City. Urban design in the former harbour (Kop van Zuid) Rotterdam. Project 1996. Architect Jo Coenen

intrincado à composição total. Em minha opinião, somente quando isso for nomeável e reconhecível como espaço público é que será um trabalho precioso; isso toma o trabalho completo.

Se continuarmos a cultivar corretamente esse modo de pensar, três aspectos aparecem, dando ao tema "espaço público" seu verdadeiro conteúdo. De um lado, está o tema da densidade: a concentração, em que grau. De outro, há a questão o quê dá ao bem público sua verdadeira qualidade, caracterizada por descanso e movimento? Finalmente, como surge a desejada interdependência?

A partir da história da arquitetura e de minhas experiências próprias, conheço alguns casos que representam esses pensamentos.

O que me impressiona sobre os exemplos mencionados não é só a complexidade do total e como isso é construído, mas especialmente a dedicação com a qual tanto o objeto criado quanto o espaço externo – seja público ou não – foram realizados. É óbvio que o espaço público está situado externamente, e portanto, é da maior importância para o planejamento paisagístico.

Desde tempos imemoriais conhecemos o planejamento de jardins e paisagens que se desenvolveram para um patamar superior. Por exemplo, os jardins de Generalife e Alhambra, na Espanha e a Villa Lanté, na região central da Itália; o coração bombardeado de Dresden e os conjuntos de Schinkel, mas também a Roma desenhada por Nolli, ou o pitoresco mosteiro de Arrabida, ao sul de Lisboa. Para mim, são de grande importância, e um exemplo se falamos da sublime relação entre objeto(s) e o espaço externo que o(s) envolve. Embora a forma deles não seja garantia de domínio público, sua existência poderia ser uma condição para um possível uso, talvez não de uma propriedade particular, mas de um "bem público".

### Phil virtual

Desde o declínio da velha cidade europeia e o colapso das modernas, transformadas em partes atomizadas e fragmentadas, amarradas como cordas pelas linhas de infra-estrutura fortemente ordenadas e controladas, o caráter público do espaço mal pode ser reconhecido. Portanto, coloca-se aqui necessidade de uma nova consciência frente a espaços reconhecíveis e orientação.

Surge aqui a questão se o espaço público ainda pode ser o lugar autêntico, tradicional e pitoresco que conhecemos e conhecíamos a partir de nossos velhos centros das cidades e que representam antigos sentimentos, ou se deveríamos procurar por uma nova autenticidade na qual técnicas de fachadas não são legíveis, mas tiram proveito de lugares onde as pessoas passam a maior parte de seu tempo: a infra-estrutura atual e os arredores?

Minha experiência me diz que é exatamente aí que estão os problemas e onde novos exemplos devem ser inventados e soluções devem ser encontradas. Apesar de ser

If we continue this way of thinking in the right way, three aspects arise which give the subject "public space" its real contents. On the one hand is the theme of density: the concentration; to what extent. On the other hand there is the question: what gives the public domain its actual quality, characterised by rest and movement? Finally, how does the desired interdependence come to exist?

From the history of architecture and from my own experiences I know of some examples representing these thoughts.

What strikes me about the examples mentioned is not only the complexity of the total and how this is made up, but especially the dedication with which both the object that has been built as well as the – whether or not public – outerspace has been realised. It is obvious that public space is situated outside and therefore most important to the domain of landscape planning.

From time immemorial we know the planning of gardens and landscapes which have developed to a high degree. For example the gardens of Generalife and Alhambra in Spain and the Villa Lanté in central Italy; the bombed heart of Dresden and Schinkel's ensembles but also Nolli's map of Rome or the picturesque monastery of Arrabida south of Lisbon. To me they are of great importance and an example if we speak about the sublime relationships between object(s) and their surrounding outer space. Although their shape is not a guarantee for a public domain, their manifestation could be a condition for a possible application if no longer an individual property, but becoming "the public common."

### Virtual Phil

Since the decline of the old European town and the collapse of modern towns into atomised, fragmented parts, tied like strings by strongly organised and controlled infrastructural lines, the public character of the space can hardly be recognised. Therefore, it is a matter of a new awareness of and a greater need for recognisable spaces and orientation.

Here the question arises if the public space can still be the authentic, traditional picturesque place we know and knew from all our old inner cities, which represent old sentiment, or if we should look for a new authenticity in which façade technics are not readable but take advantage of places where people spend most of their time: the present infrastructure and the outskirts?

My experience tells me that this is just where there are problems and where new examples have to be invented and solutions have to be found. Although it is an experiment, we should pay attention to it. I visited some spots in the outskirts of Barcelona where new public spaces were created with a positive result.

The ideal picture of the public space is that of a place in town that offers a common opportunity to society. There is the desire, based on tradition, to use a domain for expansion of human actual culture. For mankind, it is of great importance to be accepted and to be part of this culture.